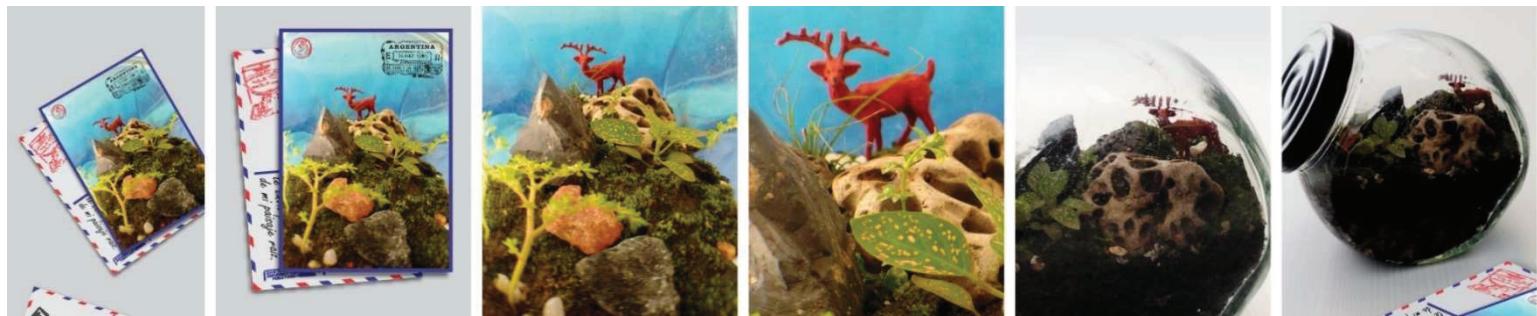


# DINAMICAS DA PAISAGEM: ENTRE A REALIDADE E O DESEJO

VOLUME IV



PEDRO FIDALGO

(COORD.)



# DINAMICAS DA PAISAGEM: ENTRE A REALIDADE E O DESEJO

Pedro Fidalgo (coord.)

## AUTORES

Ana Carolina Correa Muniz	Hugo L. Farias	Maria João Centeno
Ana Clara Sizenando da Silva	Isabel Gadino	Maria Ligia Cassol-Pinto
Ana Cláudia Folmann	Isabel Loupa Ramos	Mariana Patty Guilger Primos
Ana Fernandes	Isabel Maria Madaleno	Mariana Rossi
Ana Kyzzy Fachetti	Isabela Cristina de Assis Berg	Marina Milito de Medeiros
Ana Moya Pellitero	Ivaldo Lima	Marina Romano Nogueira
Arildo Camargo	Jackelina Pinheiro Kern	Marta Enokibara
Armando Alonso Navarrete	Jeanne Almeida da Trindade	Marta Heleno Viana
Armando Jorge Caseirão	Joana Capela de Campos	Matheus Aguiar Coelho
Armida de la Garza	João Gomes de Abreu	Melissa Mota Alcides
Carla Rolo Antunes	Jorge Henrique Silva	Micheline Cot Marcos
Carlos Augusto Ribeiro	José Alberto Pais	Miguel Centellas Soler
Carlos Gonçalves Terra	Josemary Ferrare	Mirela Duarte
Carlos Vargas	Judite Bueno de Camargo	Moisés Bazán de Huerta
Carmen Diez González	Juliana Coelho Loureiro	Nathalie Carcaud
Clara Queiroz da Costa	Juliana Santos Menezes	Noêmia de Oliveira Figueiredo
Claudia Machado Mattiuz	Karina Andrade Mattos e	Norma Truppel Constantino
Claudia Lillo	Karla Hinojosa de la Garza	Patrícia Alves Silva
Cláudia Maria França da Silva	Kathia Lopes Pivetta	Patrícia Duarte de Oliveira Paiva
Cristiane Maria Magalhães	Larissa Benetasso Chioda	Paula Gomes da Silva
Daniel Jesús Reyes Magaña	Larissa Donato	Paula Vanessa de Faria Lindo
Desidério Batista	Leonardo de Melo Jorge	Paulo José Lisboa Nobre
Dominikki da Rocha Brandão	Lourenço José Moreira	Pedro Fidalgo
Elisa Gallego Picard	Lucas Períes	Philippe Nicod
Esdras Arraeas	Lucilia Urda	Rafael de Brito Sousa,
Ester Higueras	Lúcio Cunha	Rafaella Fonteles Castro Pint
Fábio Sales Nogueira	Luis Ribeiro	Raphael dos Santos Filho
Félix Martínez Sánchez	Luisa Acioli dos Santos	Raquel Magalhães Leite
Fernanda Gueiros	Mafalda Rodrigues Castilho	Reginaldo José de Souza
Fernanda Moço Foloni	Margareth Afeche Pimenta	Ricardo de Barros Wanderley
Flávia Campos Cerullo Dias	Maria Angélica da Silva	Ricardo Pereira Rodrigues
Germán Gil Curiel	Maria Clara Amado Martins	Roseline Vanessa Oliveira
Giovana Sgobbe	Maria Cristina Franca Melo	Rui Fernandes Povoas
Giuliano Torrieril Nigro	Maria da Graça Saraiva	Susana Morais
Helena Figueiredo Pina	Maria de Fátima Lambert	Taís Affonso Rehder Tanus
Helena Freitas	Maria Eugênia Ferreira	Tamires Cassella
Hugo Guimarães Sampaio	Maria Fernanda Serrano Sartori	Teresa Lúcio Sales

# **DINAMICAS DA PAISAGEM:**

## **ENTRE A REALIDADE E O DESEJO**

### **IMAGEM CAPA**

Lucas Péries

### **EDITA**

HTC - História, Territórios, Comunidades  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da  
Universidade Nova de Lisboa

### **LOCAL**

Lisboa

### **DATA**

Abril de 2021

### **ISBN**

978-989-53106-0-9

**DINAMICAS DA PAISAGEM:  
ENTRE A REALIDADE E O DESEJO**

**VOLUME IV**

## ÍNDICE DO VOLUME IV

Maria Ligia Cassol-Pinto, Judite Bueno de Camargo e Ana Cláudia Folmann <b>Trilhas como instrumentos de reinterpretação da paisagem .....</b>	<b>8</b>
Mariana Patty Guilger Primos e Marta Enokibara <b>Os Hortos Florestais da Estrada de Ferro Sorocabana</b> <b>na região de Avaré: resgate histórico e situação atual .....</b>	<b>28</b>
Marina Milito de Medeiros e Maria Angélica da Silva <b>Paisagem esvaziada:</b> <b>a ruína do desastre (Maceió, Alagoas, Brasil) .....</b>	<b>57</b>
Matheus Aguiar Coelho, Raquel Magalhães Leite, Leonardo Luna de Melo Jorge, Hugo Guimarães Sampaio e Rafaella Fonteles Castro Pinto <b>A chancela da Paisagem Cultural Brasileira como</b> <b>instrumento de salvaguarda do patrimônio naval:</b> <b>Os Botes Bastardos e a paisagem cultural de Camocim (Brasil) .....</b>	<b>79</b>
Melissa Mota Alcides e Maria Angélica da Silva <b>Paisagem e alimento: O jardim de Friburgo</b> <b>na colônia portuguesa da América no século XVII .....</b>	<b>101</b>
Mirela Duarte e Luisa Acioli dos Santos <b>Pensar Paisagem:</b> <b>A concertina e a educação paisagística por meio da Arte .....</b>	<b>121</b>
Moisés Bazán de Huerta y Miguel Centellas Soler <b>Hacia un paisaje funerario</b> <b>Los cementerios de Torrefresneda y Lácara en Badajoz .....</b>	<b>135</b>
Noêmia de Oliveira Figueiredo <b>As tipologias de paisagens que conectam o Parque da Paz e o</b> <b>tecido urbano do Concelho de Almada - Área Metropolitana de Lisboa .....</b>	<b>160</b>
Patrícia Alves Silva e Paula Gomes da Silva <b>Percorrer, observar e intervir: uma proposta metodológica para</b> <b>o projeto de percursos de usufruto e interpretação da paisagem .....</b>	<b>184</b>

Paulo José Lisboa Nobre	
<b>A Função Educativa dos Jardins: o legado de Roberto Burle Marx .....</b>	<b>208</b>
Pedro Fidalgo	
<b>OLÁ, HUMANIDADE! .....</b>	<b>226</b>
Philippe Nicod	
<b>Today's reflorestation will be tomorrow's landscape heritage .....</b>	<b>230</b>
Raphael David dos Santos Filho	
<b>Movimento como Lugar, a Natureza como expressão dinâmica da Arte .....</b>	<b>232</b>
Rafael de Brito Sousa, Patrícia Duarte de Oliveira Paiva e Nathalie Carcaud	
<b>Análise diacrônica de uso e ocupação do solo em</b>	
<b>Áreas de Preservação Permanentes (APPs) ao longo dos rios urbanos .....</b>	<b>248</b>
Reginaldo José de Souza e Paula Vanessa de Faria Lindo	
<b>A Paisagem como visão política da Natureza .....</b>	<b>265</b>
Ricardo Antonio de Barros Wanderley e Melissa Mota Alcides	
<b>O conceito de Khôra e a delimitação da Paisagem:</b>	
<b>Diálogos entre Maceió e Derrida .....</b>	<b>281</b>
Roseline Vanessa Santos Oliveira e Flávia Campos Cerullo Dias	
<b>A natureza enquanto patrimônio arquitetônico</b>	
<b>de paisagens do Brasil Colônia .....</b>	<b>297</b>
Tamires Cassella e Roseline Oliveira	
<b>Registros do tempo da arquitetura e o patrimônio moderno .....</b>	<b>311</b>
<b>Notas curriculares .....</b>	<b>329</b>

# A FUNÇÃO EDUCATIVA DOS JARDINS: O LEGADO DE ROBERTO BURLE MARX

Paulo José Lisboa Nobre

**Resumo:** A obra paisagística de Roberto Burle Marx se distingue por apresentar características únicas, que inspira e suscita análises e questionamentos diversos. Sua carreira como paisagista, criador, realizar e conservador de jardins, como ele próprio se definiu, foi profícua no desenvolvimento de projetos inovadores, nos quais sempre enfatizou a função educativa dos jardins. A presente comunicação parte do princípio de que a natureza ensina e, ciente da capacidade que os jardins possuem para educar, Burle Marx concebeu o projeto da paisagem também com este propósito. Esta investigação está em curso no Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Brasil, em nível de pós-doutoramento no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano. Ao final desse percurso de pesquisa, cabe ressaltar a contribuição de Burle Marx para ampliar o conhecimento da flora brasileira e valorizá-la pelo uso, assim como vincular sua obra à dimensão educacional. Finalmente, é possível afirmar que o seu maior legado, além dos projetos de paisagem presentes em diversos países, se constitui no Centro Cultural Sítio Roberto Burle Marx (SRBM). Lar do paisagista, abriga sua coleção de plantas tropicais e subtropicais; foi doado ao governo brasileiro com um objetivo específico - educar! e se tornar um centro de formação em paisagismo.

**Palavras chave:** Projeto de Paisagem, Arte, Jardim, Educação, Natureza.

# **THE EDUCATIONAL FUNCTION OF GARDENS:**

## **THE LEGACY OF ROBERTO BURLE MARX**

Paulo José Lisboa Nobre

**Abstract:** Roberto Burle Marx's landscape work is distinguished by its unique characteristics, which inspires and raises diverse analysis and questions. His career as a landscaper, creator, builder and conservator of gardens, as he defined himself, was fruitful in the development of innovative projects, in which he always emphasized the educational function of gardens. This communication is based on the principle that nature teaches and, aware of the capacity that gardens have to educate, Burle Marx conceived landscape design for this purpose as well. This investigation is ongoing at the Landscape Laboratory of the Federal University of Pernambuco – UFPE, Brazil, at post-doctoral level in the Postgraduate Program in Urban Development. At the end of this research path, it is worth mentioning the contribution of Burle Marx to expand the knowledge of the Brazilian flora and to value it through use, as well as to link his work to the educational dimension. Finally, it is possible to state that his greatest legacy, in addition to the landscape projects located in several countries, is the “Centro Cultural Sitio Roberto Burle Marx (SRBM)”. Home of the landscaper, it houses his collection of tropical and subtropical plants; it was donated to the Brazilian government with a specific objective - to educate! and to become a training center in landscape design.

**Keyword:** Landscape Design; Art; Garden; Education; Nature.

# **A FUNÇÃO EDUCATIVA DOS JARDINS:**

## **O LEGADO DE ROBERTO BURLE MARX**

Paulo José Lisboa Nobre

### **INTRODUÇÃO**

O uso inovador da vegetação é destaque na obra de Burle Marx, sendo este um dos motivos que o definem como o criador do Jardim Brasileiro, no qual a vegetação é o principal elemento de composição da paisagem (Sá Carneiro and Silva and Mafra, 2009, p. 3).

José Tabacow, citando o arquiteto Lucio Costa, destaca que Burle Marx foi um humanista: “Sua atenção estava sempre voltada para a capacidade de criar ou de transformar o meio social a partir de ensinamentos só ao alcance daqueles que, livres de condicionamentos históricos ou de verdades estabelecidas, procuram vislumbrar novas proposições, novas oportunidades” (Tabacow, 2009, 109). O autor afirma ainda que Burle Marx usou a vegetação como um elemento de ruptura com os modelos paisagísticos tradicionais no Brasil, o que resultou em desdobramentos que autenticam suas composições como propostas novas, ainda hoje.

Ao longo da sua trajetória profissional, denunciou a destruição ambiental que à época já estava em curso no Brasil e chamou atenção para a necessidade de proteger a natureza e a paisagem brasileira. A função social esteve sempre presente em seu discurso como um objetivo projetual, sintetizando na função ecológica a importância dos jardins.

A sua formação foi abrangente, desde a infância foi estimulado ao estudo das artes, das ciências e da cultura. Moldado pelo convívio familiar, ainda criança iniciou a coleção de plantas. A sua intimidade com a natureza foi impulsionada pelo desfrute da paisagem exuberante do Rio de Janeiro, onde desde cedo frequentou o Jardim Botânico. Foi inspirado pela revista *Gartenschonheit*<sup>87</sup>, mandada vir pelo seu pai da Alemanha, onde posteriormente pode viver e fazer uma imersão cultural, estudou artes e vivenciou experiências que certamente moldaram sua futura prática paisagística. Em Berlim, encantou-se com os Jardim Botânico de Dahlem, diante da versatilidade das associações botânicas, inclusive pela presença de plantas brasileiras em suas diversas possibilidades estéticas.

A ideia de que os jardins têm a capacidade de educar, encontra respaldo primeiro na concepção dos Jardins Botânicos, que se difundiram pelo mundo com objetivos científicos, econômicos, de lazer e fruição. Devido à capacidade curativa das plantas, esses jardins tiveram grande importância para a civilização, tendo ainda uma função estratégica, na medida em que algumas variedades botânicas se converteram em objeto de cobiça, se transformando em relíquias de guerra, seja como fonte de riqueza ou por seu valor estético (Monteleone, 2019, p. 3).

Todo jardim é uma seleção da natureza, porém, as coleções existentes nos Jardins Botânicos não foram elaboradas apenas para o deleite, mas com fins de estudo. Para tanto, foram desenvolvidos modelos e métodos para organizar cientificamente, para classificar a natureza, mais especificamente os vegetais. Roberto Burle Marx fez o caminho inverso, tendo aguçado o seu interesse e curiosidade pela botânica, usou o conhecimento científico para criar jardins para o povo, trouxe a natureza para a cidade e educação para a população.

Alguns pensadores e estudiosos muito contribuíram para que os Jardins Botânicos atingissem suas especificidades e conformações atuais, como o biólogo e botânico sueco Carl Nilsson Linnaeus, que criou um sistema de classificação de todas as coisas vivas, determinante no aperfeiçoamento e organização desses espaços. Seu trabalho intitulado *O Sistema da Natureza* influenciou o filósofo Jean-Jacques Rousseau, que o levava sob o braço em suas caminhadas<sup>88</sup>, decido a descrever a flora da Ilha de São Pedro, na Suíça, onde morou e desenvolveu suas herborizações. Rousseau é uma importante influência, que viu a natureza como fonte da felicidade humana e disseminou a ideia desse relacionamento místico como a possibilidade do homem sensível reviver as características da estabilidade, equilíbrio e pureza.

---

<sup>87</sup> Arte do Jardim, em português.

<sup>88</sup> Referência encontrada na Quinta Caminhada, parte integrante do livro “Os Devaneios do Caminhante Solitário”, escrito por Rousseau pouco antes de morrer.



Fig. 1: Jardim Português: Palácio de Queluz. Fonte: Foto do Autor.

Um dos maiores Jardins Botânicos do mundo é o *Kew Gardens*, em Londres, originado com o objetivo de colecionar plantas e organizá-las de maneira ordenada. Em Portugal, encontram-se dois expoentes, o Jardim da Ajuda e o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. O primeiro, destinado a educação de príncipes, foi incorporado à Escola Politécnica e ao Instituto Superior de Agronomia. O segundo é patrimônio da humanidade desde 2013 e assevera a função educativa, tendo como missão a investigação, conservação da biodiversidade, educação e divulgação científica, com enfoque na sensibilização do conhecimento e importância da diversidade vegetal, das alterações climáticas e utilização sustentável de recursos; é espaço de aulas, estágios e acolhimento de teses de mestrado e doutoramento. No Brasil, em cumprimento a Carta Regia de 1796, foram criados hortos para aclimatação de plantas exóticas, sendo destaque o atual Jardim Botânico do Rio de Janeiro.



Fig. 2: Jardim Botânico do Rio de Janeiro: Chafariz. Fonte: Foto do Autor.

## OS JARDINS E SUAS MÚLTIPLAS FUNÇÕES

Desde as civilizações mais remotas, aliado à função utilitária, o jardim desempenhou o papel primordial de proteger e confortar. Os jardins persas representavam o paraíso na terra, em espaços formalmente concebidos a partir do elemento aquático; a água represada espelhava o céu, enquanto que em movimento dividia geometricamente o jardim nas quatro moradas do universo. Ao analisar a Ásia ocidental, Geoffrey e Susan Jellicoe explicam que, tanto nas civilizações centrais quanto naquelas que iniciaram o seu desenvolvimento no vale do Nilo, os jardins reproduziam a mesma paisagem, eram cercados e seus elementos principais eram os canais de irrigação e a sombra das árvores:

A árvore sempre foi objeto de veneração. O próprio jardim do paraíso terrestre era essencialmente um quadrado fechado com relação a um mundo hostil, cruzado por canais de água que simbolizavam os quatro rios celestes, e que teoricamente continha todos os frutos da terra (Jellicoe and Jellicoe, 1995, p. 23).

O cercamento está para além da função protetora do jardim, pois era necessário diferenciar o espaço ordenado pelo trabalho humano da natureza intocada. De acordo com Moore, Mitchell e Turnbull, os jardins são uma criação humana a partir da natureza, de forma que as paisagens naturais não são ainda jardins, estes são criados por meio da seleção e da composição de elementos e materiais; nesse processo de composição, são ajustados os equilíbrios e tensões do yin e do yang. Segundo os autores, além do modelo do paraíso ordenado, imaginado no meio do deserto plano da Pérsia, surgiu uma segunda ideia de jardim em lugares onde havia menos necessidade de proteção ou uma maior

quantidade de pessoas dispostas a fazer uma parceria com a natureza (Moore and Mitchell and Turnbull, 2011, p. 25). Foi André Le Nôtre quem eliminou os muros e trouxe a paisagem circundante para dentro do jardim, como pode ser apreciado nos seus célebres castelos de Vaux-Le-Vicomte e Versalhes (Moore and Mitchell and Turnbull, 2011, p. 27).

Mais recentemente, após as grandes guerras do século XX, que dizimaram populações e arrasaram as paisagens e a natureza, a sociedade humana foi impelida a uma tomada de consciência que, fortemente apoiada no pensamento de cientistas como Eugene P. Odum e sua obra Fundamentals of Ecology, propiciou o surgimento do movimento ambientalista e resultou na chamada Revolução Ecológica. A esse respeito, Maria A. Franco afirma que “[...] a opinião pública se conscientizou de que a saúde do indivíduo depende da saúde do meio ambiente onde se vive” (Franco, 2000, p. 114)

Desde então, os jardins e demais porções de natureza presentes no interior das cidades passaram a ser reconhecidas, primordialmente, por desempenhar uma função ecológica. Atualmente, é consensual o entendimento de que a existência de espaços livres arborizados é fundamental para o ambiente urbano.

Para Antonio Carlos Barbosa, além de essenciais para manter o equilíbrio do ecossistema urbano, os parques e praças desempenham uma função social, pois favorecem o convívio entre as diversas camadas da população: “[...] o ser humano busca intensificar seu convívio com a natureza, tentando de todas as formas integrá-la à sua forma de vida cotidiana” (Barbosa, 2000, 14). Por sua vez, Benedito Abbud atribui ao jardim uma função sensorial: “Quanto mais um jardim consegue aguçar todos os sentidos, melhor cumpre seu papel” (Abbud, 2006, p. 15).

As funções desempenhadas pelos jardins modernos são citadas por Massa Dourado e também por Ana Rita Sá Carneiro, que relaciona as funções desempenhadas pelos parques urbanos, quais sejam: recreativa, cultural, estética, social, educativa e ecológica e econômica. A autora explica que a função educativa e ecológica é baseada nos benefícios que a proximidade com a natureza pode trazer, bem como nos valores positivos que podem emergir do contato com plantas e animais. Sá Carneiro cita a pesquisa intitulada Royal Parks Review realizada em 1992, na qual “[...] lê-se que os parques educam e civilizam a cidade porque, libertos da pressão da vida urbana, do estresse do trabalho, são um lugar de descanso e relaxamento e funcionam como fonte regeneradora do equilíbrio emocional” (Sá Carneiro, 2010, p. 53).

Tais funções, presentes tanto nos jardins modernos quanto nos parques da realeza, permanecem como dimensões do projeto paisagístico na contemporaneidade. No entanto, Sá Carneiro alerta que a função é estabelecida no momento do projeto, pelos autores e agentes públicos, mas é o uso efetivo da população que vai consolidá-la ou não, ou mesmo dar origem a outra função não considerada no

projeto (Sá Carneiro 2010, p. 19). Assim, as funções de um jardim podem se alterar com o passar do tempo, da mesma forma as intenções projetuais vão se adaptando a novos usos, de acordo com a experiência adquirida por seus autores.

### **BURLE MARX: A FORMAÇÃO, AS INFLUÊNCIAS, A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL**

No início da sua carreira, em sintonia com o ideário modernista - que enxergava na arte um agente de transformação social - enfatizou em seus projetos a função educativa dos jardins. As funções dos jardins e demais espaços livres públicos estão presentes nas reflexões de Roberto Burle Marx, sobre as quais ele escreveu e se reportou em escritos, entrevistas e conferências.

Em entrevista a Jacques Leenhardt, ao ser perguntado se o jardim pode desempenhar um papel pedagógico, ou social, Burle Marx respondeu:

A missão social do paisagista comprehende, sem sombra de dúvida, um aspecto pedagógico. Cumpre-lhe fazer compreender e amar o que a natureza representa, com a ajuda de seus jardins e seus parques. No Brasil, onde reina um desamor característico pelo que é plantado, a experiência ensinou-me a sempre insistir sobre a formação de mentalidades. Podemos contribuir para isso, agindo. Ademais, nossa atitude deve afirmar, alto e bom som, uma dimensão prospectiva: é a manifestação de que alguém teve a preocupação de deixar para as gerações futuras uma herança estética e útil, digna desse nome (Leenhardt, 2000, p. 56).

Esse entendimento indica uma compreensão ecossistêmica e uma consciência ambiental incomum, principalmente ao se considerar que a preocupação de Burle Marx com a dimensão social do paisagismo, no sentido de dotar os seus jardins de uma função pedagógica, já estava presente na época em que desenvolveu os seus primeiros jardins públicos.

Roberto era um jovem de vinte e cinco anos quando assumiu a direção do Setor de Parques e Jardins da Cidade de Recife, convidado pelo então Governador do Estado de Pernambuco Carlos de Lima Cavalcanti. É importante destacar que o inicio da sua carreira se deu num momento em que o movimento ambientalista brasileiro, que envolvia cientistas e pensadores, alcançava uma de suas vitórias mais significativas, uma vez que muito da sua pauta de reivindicações fora incorporada à Constituição aprovada em 1934. Vale também salientar a importância que foi dada à educação no projeto nacionalista de Getúlio Vargas, que se consolidava na mesma época em que Burle Marx iniciava sua carreira.

Nesse período, Lucio Costa propôs uma reforma do ensino de Arquitetura quando foi diretor da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), em 1931. Segundo Caio Nogueira Hosannah Cordeiro, a origem dessa

reforma se remete ao movimento modernista e à introdução do pensamento urbanístico no Brasil. Lucio Costa se inseriu no movimento político, cultural e artístico da vanguarda intelectual, que via novas possibilidades e demandas na sociedade que se urbanizava. No contexto da Revolução de 1930, a educação tornava-se uma causa (Cordeiro 2012, p. 946). Dessa forma, sendo aluno da Escola de Belas Artes e amigo de Lucio Costa, é possível supor que Burle Marx acompanhava de perto essas discussões. Segundo Abilio Guerra, coube a Lucio Costa a formação do principal protagonista na constituição do pensamento paisagístico moderno brasileiro:

Sua primeira obra profissional, o jardim da casa de Alfredo Schwartz, de 1932, colocou-o em contato mais íntimo não só com Lúcio Costa, mas também com Gregori Warchavchik (1896-1976), sócio do arquiteto carioca na ocasião (Guerra 2002, p. 2).

No período em que esteve na cidade de Recife (1934 a 1937), criou dois importantes jardins com função educativa, ambos construídos em 1935. A Praça de Casa Forte, primeiro jardim moderno brasileiro, onde destacou a vegetação das Américas, incluindo exemplares da Mata Atlântica, da Amazônia e espécies tropicais exóticas.



Fig. 3: Praça de Casa Forte, Recife. Fonte: Foto do Autor.

O segundo é a Praça Euclides da Cunha, denominada em homenagem ao célebre escritor d'Os Sertões, onde reproduziu o sertão nordestino. Esses dois jardins foram criados em plena efervescência do modernismo brasileiro e fazia parte da estratégia de incentivar arquitetura, paisagismo e urbanismo. As intervenções na paisagem também foram pensadas para criar espaços de afirmação da cultura nacional, daí a importância de utilizar espécies representativas dos principais biomas brasileiros e romper com os princípios ecléticos.



Fig. 4: Praça Euclides da Cunha, Recife. Fonte: Foto do Autor.

Antes de morar no Recife Burle Marx passou dois anos na Alemanha, onde é possível que além de estudar artes, teve a oportunidade de inteirar-se dos avanços científicos no campo da ecologia. É sabido que foi no Jardim Botânico de Dahlem, em Berlim, que descobriu a beleza da vegetação tropical, mas também vivenciou outras experiências de cidades e jardins construídos em épocas distintas, que certamente moldariam sua futura prática paisagística. Tal conjunto de acontecimentos contribuiu para que Burle Marx adotasse uma postura de vanguarda, à frente do seu tempo.

Como foi dito anteriormente, a Revista alemã *Gartenschönheit* faz parte das memórias paisagísticas e da biografia do Paisagista, citada pelo próprio Roberto em diversas ocasiões, assim como pelos seus biógrafos, como Laurence Fleming:

[...] Muitos anos mais tarde durante uma entrevista em Londres, Roberto diria: “Não há nada mais lindo do que descobrir”. E aqueles dias de Berlim lhe traziam quotidianamente novidades incessantes. Nos jardins botânicos de Dahlem, ele encontraria cercas-vivas de um esplendor até então inimaginável, delfínios enormes em todos os tons de azul, alguns com um toque de cor-de-rosa e branco; astibes, papoulas orientais, piretros, lírios e, no decorrer do ano, heleniums e todo tipo de dália e áster. Na parte da frente, tagetes em vários tons de amarelo alternavam-se com maciços de ageratos azuis. No Jardim das Rosas em Tiergarten, encontravam-se enxertos de rosas vindos de toda a Europa. “Não nego a beleza da rosa, mas no jardim brasileiro não está certo”, gostava, porém, de repetir. Parecia que as páginas da *Gartenschönheit* tivessem sido subitamente trazidas à vida. Esta era uma revista mensal, cujo título significa Beleza do Jardim, que Roberto vinha

recebendo do pai como presente há muitos anos. Era editado por Karl Foerster, conhecido atualmente sobretudo por seus enxertos daqueles magníficos delfínios. Entretanto, também havia estufas em Dahlem e foi ai que, num dia memorável, ele encontraria grupos de palmeiras graciosas, filodendros com folhas enormes, marantas com folhas que pareciam pintadas em diferentes estampas, caládios que já conhecia e orquídeas fantásticas – tudo do Brasil. Um pouco mais adiante, havia um grupo de cactos, também do Brasil. E ele também era do Brasil. Foi um choque, um reconhecimento prazeroso do fato de que, em certo sentido, eram suas plantas [...]” (Fleming, 1996, p. 30).

Ao longo desta pesquisa foi feita uma consulta às edições da *Gartenschönheit* dos anos 1923, 1924 e 1928 - ano em que Roberto viajou com a família para a Alemanha. Assim, foi possível concluir que através dessa publicação o paisagista teve acesso a informações importantes. O conteúdo das matérias publicadas versa sobre inúmeras espécies vegetais, incluindo a vegetação oriunda de regiões tropicais, assim como exemplos de aplicação da vegetação e sua representação em projetos paisagísticos de escalas diferentes e levantamentos de jardins históricos existentes em países diversos.

Conhecer a evolução histórica e, sobretudo, vivenciar jardins, se constitui num aprendizado fundamental para o bom desempenho do paisagismo. Apresentando diversas expressões formais e diferentes feições, ao longo do tempo os jardins foram se ajustando aos lugares, culturas e pessoas. Desempenharam funções utilitárias, que podem ser resumidas no cultivo de vegetais comestíveis, ervas medicinais, frutas e flores, como nos ensinaram os jardineiros medievais. A esse respeito, Francisco Caldeira Cabral afirma que o ofício dos jardineiros, entre os quais inclui o arquiteto paisagista, é uma arte que coopera com a natureza. Para ele, saber aliar o espírito prático e utilitário ao espírito puramente lúcido é uma das virtudes que aprendemos com esse ofício (Cabral, 1993, p. 49).

## O LEGADO PAISAGISTA

Para José Tabacow, a transformação desencadeada por Burle Marx no paisagismo brasileiro foi gradativa:

O jardim de Casa Forte ainda reflete forte influência da geometria francesa [...] o que houve de novo no Recife está relacionado com a escolha da vegetação [...] no estabelecimento de um critério de escolha da vegetação, embora arbitrário, porém além do meramente estético e, sobretudo, na negação do convencional (Tabacow, 2009, p. 101).

Em uma Conferência proferida em 1967, intitulada Jardim e Ecologia, Burle Marx demonstra que seu interesse e aperfeiçoamento científico foram constantes e renovados ao longo da carreira, o que o define como um estudioso contumaz. Atento aos avanços da biologia, afirma que o cinturão intertropical é a região da terra mais rica em associações vegetais e, portanto, justifica a sua prática de buscar na natureza plantas desconhecidas para adaptá-las aos seus projetos paisagísticos: “Em consequência, torna-se claro que o jardim assenta numa base ecológica, sobretudo num país como o Brasil, com condições extraordinariamente variadas” (Tabacow, 1987, p. 38).

A partir dos anos 1960, a ecologia já se tornara uma ciência amplamente divulgada, mas no Brasil ainda não era compreendido o seu alcance, o que faz de Burle Marx um precursor preocupado com a preservação das plantas tropicais, a conservação da natureza e o respeito à árvore e ao jardim. Insiste que a devastação é um atentado contra as fontes de vida e uma forma de destruição das gerações futuras. Destaca as funções social, educacional e ecológica dos jardins como a missão do paisagista:

A missão social do paisagista tem esse lado pedagógico de fazer comunicar às multidões o sentimento de apreço e compreensão dos valores da natureza através do contato com o jardim e com o parque. No Brasil, onde há, em parte, esse desamor pelo que é plantado, a lição da experiência me ensinou que é preciso insistir muitas vezes para, através do choque entre as posições, trazer o entendimento da importância de nossa ação e contribuição, para provocar uma mudança de mentalidade (Tabacow, 1987, p. 43).

Em artigo publicado nos Cadernos Brasileiros de Arquitetura - Paisagismo, Burle Marx mostra preocupação com a formação profissional, em que critérios importados levavam ao desinteresse pelo conhecimento da flora autóctone: “[...] seria lógico que, num país como o Brasil, com uma flora extremamente variada e rica, esse potencial fosse utilizado, não só por coerência ambiental, como também para preservar e perpetuar espécies em vias de desaparecimento” (Marx, 1980, p. 3).

Em seu artigo, Burle Marx se refere a frequentes e enérgicos protestos contra as agressões ao meio ambiente, que começavam a se tornar frequentes no Brasil, evidenciando as atividades de alguns idealistas, até então pouco conhecidos. Tais protestos se referiam às crescentes devastações da natureza, o que aumentava a importância do conhecimento da natureza brasileira em qualquer tipo de interferência no ambiente.

Cabe, portanto, ao paisagista fazer ver a necessidade de manutenção e utilização da flora autóctone. Mas, para isso, é preciso que ele reúna conhecimentos de botânica aplicada a problemas paisagísticos, ou seja, que ele utilize, como vocabulário, a flora regional, de maneira ecologicamente compatível (Marx 1980, 3).

Conclui que a ação do profissional paisagista, com formação sólida e atuação preservacionista, seria o caminho para melhorar a qualidade de vida e possibilitar conquistas técnicas sem sacrificar a natureza. Assim, defende as funções social e ecológica, não apenas se referindo ao jardim, mas na atuação dos próprios paisagistas.

Como foi dito anteriormente, o Centro Cultural Sítio Roberto Burle Marx (SRBM) pode ser considerado o maior legado do maior paisagista brasileiro. O Sítio foi comprado em 1949 e em 1985 foi doado ao governo federal<sup>89</sup>, com o objetivo de ser transformado num centro de formação em paisagismo. Como contrapartida, o Governo contratou alguns jardineiros como funcionários federais, como pode ser constatado num conjunto de depoimentos desses profissionais, que está disponível no Youtube<sup>90</sup>. Atualmente, além de ser candidato a Patrimônio Mundial da UNESCO, o Sítio é objeto de um projeto de readequação, financiado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES. O foco é a parte educativa e informação para o visitante, como a implantação de um projeto museológico, para adaptação da casa onde residiu o paisagista, atualmente fechada para visitantes. Pode-se considerar que o objetivo maior de Burle Marx foi concretizado no Sítio, na medida em que todos os aspectos da educação pela natureza são ali encontrados. Desde o sentimento de felicidade, experimentado por Rousseau e relatado em suas caminhadas, até o aprendizado propiciado pelo cultivo dos vegetais, uma vez que o Sítio continua a ser um lugar de experimentação. O cultivo da coleção de plantas tropicais iniciada por Burle Marx teve continuidade pelo trabalho dos jardineiros formados por ele, alguns ainda em atividade e que foram responsáveis por ensinar suas técnicas e práticas para uma nova geração de profissionais.

Em visita ao Sítio, realizada no mês de novembro de 2019, foi possível observar a atividade dos guias, que acompanham os visitantes e os conduzem em percursos pelos jardins. Esses atores desempenham importante tarefa educativa, na medida em que procuram sensibilizar o público para a apreciação e o desfrute da paisagem, contribuindo assim para o transmitir o conhecimento acerca da natureza e da ecologia. Foi possível perceber que os guias desenvolveram estratégias para acompanhar as visitas. Procuram não sobrecarregar os visitantes com informações e vão despertando a curiosidade do público progressivamente, para então apresentarem as informações de acordo com os interesses demonstrados por cada grupo (colegiais, universitários, idosos etc.).

Na oportunidade, foram acompanhados grupos heterogêneos, em termos de idades, formações e motivações para a visita; que sempre se inicia com uma rápida introdução à história do Sítio e de Burle Marx. Um grupo de escolares, após a introdução, foi levado ao Sombral Graziela Barroso, onde se encontra a coleção de filodendros e aráceas. A curiosidade dos jovens estudantes se manifestou

---

<sup>89</sup> Posteriormente transformado em Unidade Especial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

<sup>90</sup> Documentário “Memória Amiga”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8vkwfj8hXsl>

atentamente e, ao longo de todo o percurso, foi incentivada pelo guia ao explorar as características das espécies vegetais, chamando atenção para curiosidades como a palmeira *Corypha umbraculifera* em floração, que ocorre cinquenta anos após ser plantada por Burle Marx.



Fig. 5: Floração da Palmeira *Corypha umbraculifera*. Foto do Autor.

A importância dessa experiência e seu potencial educador pode ser constatada pelo interesse demonstrado pelos estudantes, assim como pelas professoras que acompanhavam o grupo. Em conversa informal uma dessas profissionais comentou que, em geral, a natureza educa, mas a experiência no Sítio é diferente porque ali a natureza foi modificada pelo homem. A professora acrescentou ainda que é a visão humana que educa, intervindo, respeitando, estudando a natureza. Para ela, tudo começa com o respeito pelo ser humano, pois isso é arte e cultura.



Fig. 6: Escolares em visita ao Centro Cultural Sítio Roberto Burle Marx. Fonte: Foto do Autor.

Segundo o documentário anteriormente referido, a existência do sítio influenciou na economia da região, pois os agricultores locais passaram a se dedicar à fruticultura e ao cultivo de plantas ornamentais. Assim, gerou uma economia de produção e criou uma cadeia produtiva, de forma que Guaratiba/RJ se consolidou como região produtora de mudas. Na verdade, a área já tinha essa vocação, provavelmente

pela abundância de água. Há registros de que o Major Acher, responsável pelo reflorestamento do Maciço da Tijuca (atual Floresta da Tijuca) já tinha estabelecido um viveiro em Guaratiba.

O local dispõe de uma biblioteca, que tem catalogados 1.200 livros tombados, oriundos da biblioteca pessoal de Burle Marx. Além de livros e periódicos, merecem destaque outros itens do acervo, como: catálogos de exposições, fotos, partituras, discos (música clássica), publicações sobre arte, paisagismo/jardins históricos, arquitetura e museus.

A coleção botânica reúne 3.500 espécies vegetais acomodadas em viveiros, que totalizam 14.000 m<sup>2</sup>. O próprio Burle Marx denominou esses viveiros de Sombrais e neles organizou a vegetação a partir das suas características, associações, quantidade de luz necessária, etc. Ali desenvolveu inúmeras experiências, inclusive em termos dos materiais adotados na estrutura dos sombrais, como a cobertura em ripado de bambu, atualmente substituída por outras soluções mais duráveis. A identificação das espécies através de placas não é desejada devido ao impacto que causariam na paisagem.

Em visita ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro foi constatada a interferência exercida pelas placas de identificação, especialmente as informações sobre a vegetação, em contraposição à experiência estética vivenciada no Centro Cultural Sítio Roberto Burle Marx. Tal interferência se dá tanto no padrão antigo de comunicação, quanto nos totens de comunicação visuais mais recentes. Embora seja fonte importante de conhecimento, as placas de identificação da vegetação num jardim prejudicam as sensações que a natureza pode oferecer.



Fig. 7: Jardim Botânico do Rio de Janeiro: Placa de Identificação. Fonte: Foto do Autor.

Assim, a necessidade premente e atual pela informação imediata se tornou um desafio, uma vez que a tecnologia existente não deve impactar a vivência e os ensinamentos que a natureza proporciona. É preciso encontrar um caminho para que essas lições possam ser desfrutadas pelos usuários e, ao mesmo tempo, influenciar as decisões tomadas no projeto paisagístico, com o objetivo de atingir com maior eficiência a função educativa dos jardins.

Ao longo da sua trajetória profissional Roberto Burle Marx atingiu uma compreensão abrangente das questões ambientais pari passu à notável evolução e popularização da ciência ecológica no século XX. Assimilando tais conhecimentos à sua prática profissional, Burle Marx deixou um precioso legado para as gerações futuras, transmitindo uma mensagem ecológica através dos seus projetos paisagísticos, procurando conscientizar a população sobre a importância da conservação ambiental e da preservação dos ecossistemas brasileiros. Diante do exposto, pode-se concluir que a sua obra, entendida como projeto e discurso, assegurou a Roberto Burle Marx um lugar de destaque no século XX, não só como paisagista, mas também como um estudioso e pensador sobre o meio ambiente e a sua conservação.

## BIBLIOGRAFIA

- ABBUD, Benedito (2006); *Criando Paisagens: Guia De Trabalho Em Arquitetura Paisagística*. São Paulo: SENAC.
- BARBOSA, Antonio Carlos da Silva (2000); *Paisagismo, Jardinagem, Plantas Ornamentais*. São Paulo: Iglu.
- CABRAL, Francisco Caldeira (1993); *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.
- CORDEIRO, Caio Nogueira Hosannah (2012); “*A Reforma de Lucio Costa e o Ensino da Arquitetura e do Urbanismo: da ENBA à FNA (1931-1943)*”. Universidade Federal da Paraíba “Anais do IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisa História, Sociedade e Educação no Brasil”. Acesso em 01.12.2018.  
[https://www.academia.edu/24496815/IX\\_SEMIN%C3%81RIO\\_NACIONAL\\_DE\\_ESTUDOS\\_E\\_PESQUISAS\\_HIST%C3%93RIA\\_SOCIEDADE\\_E\\_EDUCA%C3%87%C3%83O\\_NO\\_BRASIL\\_A\\_EDUCA%C3%87%C3%83O\\_EM\\_JOGO\\_U\\_M\\_CONFRONTO\\_ENTRE\\_FOUCAULT\\_BOURDIEU\\_E\\_PAULO\\_FREIRE](https://www.academia.edu/24496815/IX_SEMIN%C3%81RIO_NACIONAL_DE_ESTUDOS_E_PESQUISAS_HIST%C3%93RIA_SOCIEDADE_E_EDUCA%C3%87%C3%83O_NO_BRASIL_A_EDUCA%C3%87%C3%83O_EM_JOGO_U_M_CONFRONTO_ENTRE_FOUCAULT_BOURDIEU_E_PAULO_FREIRE)
- FLEMING, Laurence (1996); *Roberto Burle Marx: um retrato*. Rio de Janeiro: Index.
- FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro (2000); *Planejamento Ambiental Para A Cidade Sustentável*. São Paulo: Annablume.
- GUERRA, Abilio (2002); “*Lucio Costa, Gregori Warchavchik e Roberto Burle Marx: Síntese Entre Arquitetura e Natureza Tropical*.” Arquitextos, October 2002. <http://www.vitruvius.com.br>
- JELICOE, Geoffrey, JELICOE, Susan (1985); *El Paisaje Del Hombre*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili.
- LEENHARDT, Jacques (2000); *Nos Jardins de Burle Marx*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- MARX, Roberto Burle (1980); “*O Paisagista e a defesa da paisagem brasileira*.” In *Cadernos Brasileiros de Arquitetura. Paisagismo*, edited by Projeto Ed. Associados Ltda, 3-4. São Paulo.
- MOORE, Charles W. and Mitchell, Willian J. and Turnbull, Willian Jr. (2011); *A Poética dos Jardins*. Campinas: UNICAMP.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (2017); *Os Devaneios do Caminhante Solitário*. São Paulo: Edipro.
- SÁ CARNEIRO, Ana Rita and Silva, Aline de Figueirôa and Mafra, Fátima (2009); *Os Jardins De Burle Marx No Recife*. Recife: MXM Gráfica.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita and Silva, Aline de Figueirôa and Silva, Joelmir Marques da (2013); *Jardins De Burle Marx no Nordeste do Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita (2010); *Parque E Paisagem: Um Olhar Sobre O Recife*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.

SILVA, Aline de Figueirôa (2010); *Jardins Do Recife: Uma História Do Paisagismo No Brasil (1872-1937)*. Recife: CEPE.

TABACOW, José (1987); *Roberto Burle Marx. Arte & Paisagem. Conferências Escolhidas*. São Paulo: NOBEL.

TABACOW, José (2009); “Roberto Burle Marx, A Ciência Da Percepção.” In *Roberto Burle Marx: a permanência do instável, 100 anos*, edited by Lauro Cavalcanti and Farès El-Dahdah, 100-109. Rio de Janeiro: Rocco.